



Surpreendêr-se

Entre o continente americano e o europeu existem nove ilhas de caráter forte. No **arquipélago dos Açores** tudo é autêntico, dos costumes e crenças locais ao sabor do queijo com pão sovado

» POR PATRÍCIA JOTA FOTOS ANA ROJAS

Faial: entre 1957 e 1958, uma erupção submarina fez com que surgisse uma nova península, que se juntou ao território antigo



Festa do Divino Espírito Santo, a mais importante do arquipélago, que dura de maio até o verão: uns doam uma bela vaca, e outros tratam de abatê-la e cozinhá-la

“ Depois de um dia abençoado, com procissão, império e sopa do Divino Espírito Santo – ingredientes da festa religiosa mais célebre dos Açores –

aquela era para ser mais uma noite de calma na pequena ilha de São Jorge. Debruçada sobre um mar tranquilo, a varanda do quarto do hotel dava passagem a uma brisa tímida. Já deitada, de luz apagada, mas de cortina aberta, eu olhava para fora sem prestar atenção em nada. De repente, me dei conta de que estava no meio do Atlântico, abrigada em um pedacinho de terra – 56 quilômetros de comprimento e 8 quilômetros de largura – que nada mais é do que um conjunto de vulcões extintos, sujeito a terremotos. Num instante compreendi tudo: as inúmeras igrejas, ermidas e capelas. As festas, as rezas. É tão frágil a existência dessa gente – os açorianos. Não admira que eles sejam assim: simples, alegres, generosos e devotos. Meus pensamentos não foram muito longe. Logo, uma sinfonia inusitada acabou com o meu santo raciocínio. Nossa, parece que o casal do quarto ao lado está animado! Tanto barulho! Tanto fôlego! Será choro de bebê? Um gato? Dormi encolhida, enrolada no lençol, sem ter a certeza. Sem ter certeza de nada. No dia seguinte, a confirmação: eram cagarros, aves marinhas típicas dos Açores que no verão chegam das Américas (inclusive da costa brasileira) para construir nesse território remoto, exuberante e “temperamental” o seu ninho.

As nove ilhas que formam o arquipélago ficam a 1408 quilômetros de Lisboa e a 3910 quilômetros de Nova York. Elas foram descobertas e povoadas pelos portugueses a partir de 1427. E há 32 anos ganharam status de região autônoma de Portugal. Talvez por causa da distância do continente europeu, o turismo por essas bandas ainda é manso. Não espere encontrar figuras vips, resorts de luxo ou badalação. Os Açores proporcionam uma paisagem apaziguadora e um convívio íntimo com uma cultura diferente, de manias e sabores singulares, além do contato com um povo hospitaleiro.

Na viagem que fiz, passei por quatro ilhas do chamado grupo central do arquipélago: Faial, Pico, São Jorge e Terceira. Aqui estão, listados, dez dos seus tesouros.

1 | Mistérios. Era assim que os açorianos se referiam antigamente às erupções vulcânicas. Hoje, o predicado virou endereço: “Mistérios Negros”, “Mistério da Prainha”, “Mistério da Silveira”... Graças às erupções que começaram ali há centenas de milhares de anos nasceram nove ilhas preenchidas de recantos raros: lagoas em crateras de vulcões extintos, áreas de fumarolas, grutas recheadas de estalactites e estalagmites... No Faial, entre 1957 e 1958, assistiu-se à formação de uma nova terra chamada de Vulcão dos Capelinhos ou Mistério dos Capelinhos. Ocorreu uma erupção submarina seguida de fase terrestre. Com a explosão de lava surgiu uma península que se juntou ao território antigo, aumentando a área da ilha em 2,4 quilômetros quadrados. As montanhas ainda estão cobertas de cinzas.

2 | Montanha com vista para o mar. É a mais verdadeira descrição do arquipélago dos Açores. O verde é a cor predominante. Ele cobre o território por inteiro, em vários tons. Depois vem o azul profundo do mar e o negro do solo e das falésias. À primeira vista, as ilhas são uma sucessão de pastagens delimitadas por hortênsias, muros de pedra ou cana-de-açúcar, o que forma um bonito retalho do alto de um mirante. As vacas estão por todo lado. E também há cabras, bodes e touros. Um cenário deliciosamente bucólico – e dos mais genuínos do mundo, como afirma um trabalho de pesquisa feito pela revista *National Geographic Traveler*. Após ouvir 522 peritos em turismo sustentável, a publicação colocou os Açores no louvável segundo lugar do ranking das ilhas mais bem preserva-

das do planeta (em primeiro, aparecem as gélidas Ilhas Faroé, que pertencem à Dinamarca e ficam no Atlântico Norte).

3 | Vilas rochosas. “Temos tantas pedras de basalto que seria possível dar duas voltas na Terra com elas”, diz Evelina Garcia, a bem-disposta guia turística da Ilha do Pico. Não admira que as casas mais tradicionais sejam erguidas em pedra. Para ganharem graça, exibem portas e janelas pintadas de vermelho. As construções mais recentes são caiadas de branco e levam um contorno de tinta colorida. Ou têm um sótão em estilo vitoriano ou varandas corridas em ferro trabalhado. Tudo ali é feito com muito esmero. Outro traço tipicamente açoriano são os moinhos de origem flamenga.

4 | O Divino Espírito Santo.

É a festa religiosa mais importante do arquipélago. Começa em maio e se estende até o verão. Cada bairro tem o seu calendário e divide as tarefas entre os seus habitantes: um doa a vaca, outros se responsabilizam por abate-la, temperar a sua carne com canela e pimenta-da-jamaica e cozinhá-la. Há quem faça o pão de massa sovada e o arroz-doce para acompanhar. Tem gente que participa do terço, rezado durante toda a semana, e que trata de pintar e de enfeitar o Império (uma graciosa capelinha). No dia certo acontece a procissão, que termina com a coroação de um imperador – a pessoa que detém a promessa do ano. Depois da última missa, começa a distribuição do pão, da sopa e do vinho. É uma festa alegre, saborosa e repleta de simbologia, para a qual todos – até mesmo os turistas – são convidados.

5 | A epopéia baleeira. A cena se repetiu até a década de 1980: no alto de uma montanha, dentro de um casulo de madeira, o senhor de meia-idade não tira os olhos do mar. É dia de sorte. Logo avista uma baleia. Põe de lado o binóculo e cumpre o protocolo: atira para o alto um fogo de artifício. Diante do disparo, o barbeiro deixa o cliente com a barba por fazer. O pa-

deiro larga o pão no forno. O padre tira a batina. O ferreiro, o carpinteiro, o sapateiro... saem todos correndo. Juntam-se à tripulação dos dois botes – sete homens a bordo de cada um. São os “heróis sem nome com um pé em terra e outro no mar”, como definiu o poeta Almeida Firmo, cuja obra abasteceu-se de inspiração nas ilhas açorianas. Munidos de lanças e arpões, eles cercam a enorme baleia. O animal luta pela vida, os homens, pelo sustento – gordura, carne, ossos, tudo seria desmanchado para dar origem a óleo, farinha e âmbar. Hoje, as baleias continuam reforçando a economia local, mas de outra maneira: viraram atração turística.

6 | Os vinhedos – Patrimônio Cultural da Humanidade. Ficam na Ilha do Pico – o nome

vem da imensa e majestosa montanha, a mais alta de Portugal, com 2 351 metros de altitude – e compõem uma paisagem pitoresca. Para proteger a parreira da maresia e dos ventos, os picarotos construíram muros de pedra basalto, os chamados currais, formando um verdadeiro labirinto rochoso. A artimanha tem outra nobre função: manter o calor e contribuir para o amadurecimento das uvas. Graças a essa arquitetura, o Pico produz vinhos brancos aromáticos e um vinho licoroso, o Lajido, a partir da casta verdejo, que já fez a alegria dos czares russos nos séculos 17 e 18.

Para proteger a parreira da maresia e dos ventos, os picarotos construíram muros de pedra basalto, formando um verdadeiro labirinto rochoso

deiro larga o pão no forno. O padre tira a batina. O ferreiro, o carpinteiro, o sapateiro... saem todos correndo. Juntam-se à tripulação dos dois botes – sete homens a bordo de cada um. São os “heróis sem nome com um pé em terra e outro no mar”, como definiu o poeta Almeida Firmo, cuja obra abasteceu-se de inspiração nas ilhas açorianas. Munidos de lanças e arpões, eles cercam a enorme baleia. O animal luta pela vida, os homens, pelo sustento – gordura, carne, ossos, tudo seria desmanchado para dar origem a óleo, farinha e âmbar. Hoje, as baleias continuam reforçando a economia local, mas de outra maneira: viraram atração turística.

7 | O queijo da Ilha de São Jorge. Com sete meses de cura, é o mais afamado de todos. Pudera, o pequeno território possui 22 mil cabeças de gado – um número duas vezes maior do que o de habitantes – que abastecem sete cooperativas. A iguaria de sabor forte e picante faz par perfeito com o pão de massa sovada, outro produto típico.

8 | O lado radical. Sim, ele existe, apesar do ritmo sossegado das vilas açorianas. Um dos programas mais populares é a observação de baleias e golfinhos. Também é possível fazer mergulho e pesca, além de surfe. Ou simplesmente se deliciar nas inúmeras piscinas naturais.




Os doces típicos para as Festas do Espírito Santo e, em sentido horário, um pastor e seu cão passeando pela Ilha Terceira; o Moinho do Frade, na Ilha do Pico, o melhor miradouro sobre as lindas vinhas do Lajido; e, no Pico, o artesanato ainda feito pelas mãos e a sabedoria de senhoras locais

Quem prefere ficar em terra firme conta com diversas trilhas para caminhada, mountain biking e passeios a cavalo. Uma aventura inesquecível é a escalada da Montanha do Pico, para aqueles com um preparo físico razoável, de onde se tem a mais bela vista das ilhas centrais.

9 | O Peter Café Sport (Rua Tenente Valadim, 9, Horta, Faial, 292-292-327, petercafesport.com) é o café de fachada azul que, desde 1918, está estrategicamente posicionado em frente à marina da Ilha do Faial, aonde velejadores dos quatro cantos do globo chegam em busca de abrigo após longas expedições. Um cantinho cosmopolita instalado no coração da pacata ilha do Faial. O interior é o de um típico pub com madeira nas paredes e no teto e com bandeiras de vários países por todo o lado. Isso já é bastante moderninho para os padrões locais. Quem não quer ficar só na cerveja pode espiar o piso superior, onde funciona, numa sala composta, o

museu de **Scrimshaw** (€ 1,50 a entrada). O acervo reúne peças colecionadas por José Azevedo, o Peter (nome dado por um capitão inglês), entre elas dente de cachalote (espécie de baleia) esculpido, fósseis de tubarão e fotografias lendárias.

10 | Quinta do Martelo (Canada do Martelo, 24, Cantinho, São Mateus, Angra do Heroísmo, Terceira, 295-642-842, quintadomartelo.com). Antiga produtora de laranja, a fazenda oitocentona foi totalmente reconstituída. E hoje em dia, impecável, funciona como hotel rural e restaurante (a carta exhibe pratos tradicionais açorianos, confeccionados a partir de produtos cultivados no local). Quem quiser apenas visitar, pode. Aliás, deve, pois o lugar é um tesouro. Todos os ambientes são decorados tal e qual o passado. Existem, por exemplo, uma autêntica oficina de ofícios, com as ferramentas de antigamente, uma olaria e uma mercearia típica – a “Venda do Ti Manel da Quinta”. 

ONDE É MELHOR

Açores 351

FIJAR

Casarões particulares transformados em charmosos hotéis rurais são a cara dos Açores. O **Pocinho Bay** (Pocinho-Monte, Madalena, Pico, 292-628-460, pocinhobay.com; diárias a € 140 – AT – e € 125; Cc: M, V) é uma autêntica vila de basalto, com apenas seis quartos encravados num cenário de vinhedos. A decoração combina equilibradamente elementos tipicamente açorianos e detalhes mais arrojados. O **L'Escale de L'Atlantic** (Morro de Baixo, Piedade, Pico, 292-666-260, escaleatlantic.com; diárias de € 78 a € 89) é outro reduto de tranquilidade, com seis quartos que avistam o mar. Sob o comando de um casal suíço, abre as portas apenas entre maio e outubro. Na vizinha Ilha de São Jorge fica a preciosa **Quinta de São Pedro** (Velas, São Jorge, 295-432-189, quintade.saopedro.com; diárias de € 75 (para casal) a € 130 (quatro pessoas), uma construção do século 18 impecavelmente restaurada. Além da casa senhorial e de uma área mais moderna, possui um gostoso jardim com piscina. Uma proposta inusitada, também

aproveitando um edifício histórico, é a **Pousada de São Sebastião** (Rua do Castelinho, Angra do Heroísmo, Terceira, 295-403-560, pousadas.pt; diárias a € 120 – AT – a € 90; Cc: todos), que ocupa uma fortaleza do século 16. Por fora é uma digna construção militar, por dentro apresenta ambientes contemporâneos e confortáveis, com uma decoração caprichada.

COMER

A base da gastronomia local, mais saudável impossível, é o peixe grelhado, servido com batata e legumes. A carne de vaca cozida com especiarias e assada é outro forte do cardápio, além dos deliciosos frutos do mar. Come-se bem principalmente no **Ancoradouro** (Rua Rodrigo Guerra, 7, Areia Larga, Madalena, Pico, 292-623-490; Cc: M, V), um espaço rústico e acolhedor, com paredes de pedra e teto de madeira. O **Canto do Paço** (Rua do Ramal, Prainha, Pico, 292-655-020) lembra aqueles restaurantes de montanha com um toque moderno nas mesas, decoradas com taças vermelhas e jogo americano colorido. Para sabo-

rear frutos do mar, o endereço certo é O **Almicar** (Fajã do Ouvidor, Norte Grande, Velas, São Jorge, 295-417-448), um restaurante simples, mas que dá de presente uma panorâmica espe-

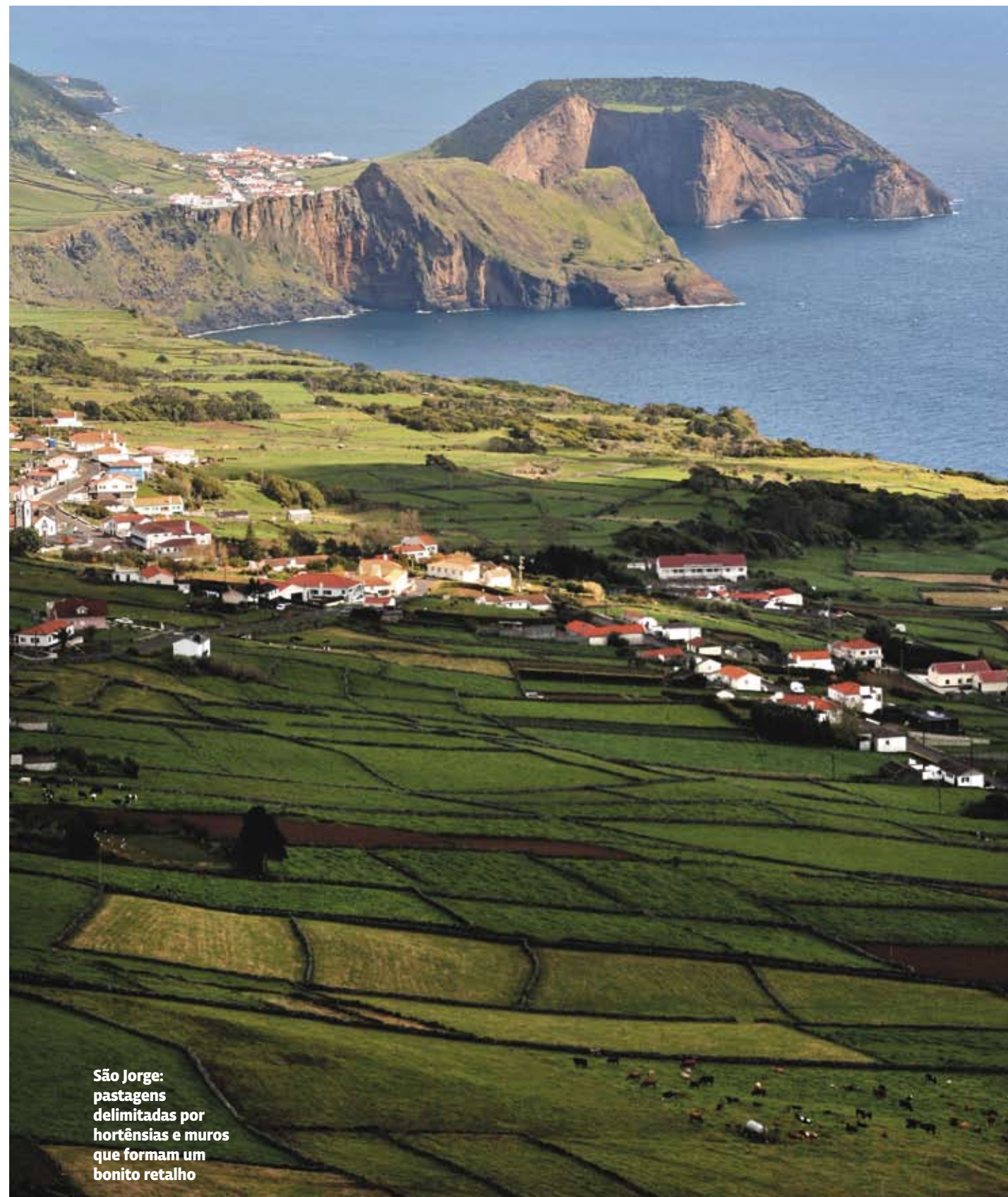
tacular do Atlântico. Num ambiente pomposo, o **Caneta** (Às Presas, Altarres, 13-15, Angra do Heroísmo, Terceira, 295-989-162; Cc: M, V) tem uma carta variada e apetitosa.

O ESSENCIAL

COMO CHEGAR Os vôos para os Açores são operados pela **Sata** (296-209-720, sata.pt) e pela **TAP** (0300-2106060, flytap.com.br) e partem de Portugal continental. As saídas de Lisboa têm como destino as ilhas de São Miguel, Terceira, Faial, Santa Maria e Pico. Do Porto os vôos chegam à Terceira e a São Miguel. A viagem dura cerca de duas horas e meia e custa desde € 237. Para circular entre as ilhas há duas maneiras: de avião, pela Sata (de € 42 a € 146), e de barco. A **Transmaçor** (292-200-380, transmacor.pt) possui uma frota que faz a ligação marítima entre as ilhas centrais (entre

€ 3,40 e € 47,75 só ida). A **Atlântico-line** (292-208-300, atlanticoline.pt) opera todas as ilhas (desde € 10,50 só ida), mas por enquanto apenas durante o verão. A TAM tem vôos para Lisboa e Porto com saídas de oito cidades brasileiras por a partir de US\$ 869.

QUANDO IR O clima é sempre ameno graças à influência da Corrente do Golfo. A temperatura média no verão é de 23 °C. A melhor época para visitar os Açores é entre junho e setembro, quando chove menos. Durante esses meses também acontecem as festas.



São Jorge: pastagens delimitadas por hortênsias e muros que formam um bonito retalho